

6. Conclusão

Não se pode pensar a fé como uma realidade individual. Ela tem, sim, essa dimensão insubstituível de decisão livre e pessoal, mas recebe-se, vive-se e transmite-se no seio de uma comunidade. Toda fé é eclesial por sua força interna. Crê-se num Deus comunidade.
J. B. Libânio¹

Os indivíduos não absorvem passivamente formas simbólicas, mas ativa e criativamente, dão-lhes um sentido e, por isso, produzem um significado no próprio processo de recepção.
J. B. Thompson²

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil vive um momento de transição, entre outros, já vividos. A diferença deste é que ele não é ditado por situações internas, mas por exigências que surgem dos novos tempos e dos novos espaços, nos quais esta Igreja é chamada a dar seu testemunho de fé. Para entender a dualidade que marca esta situação, recorreremos à palavra de dois teólogos luteranos, Dohms e Brakemeier. As semelhanças: ambos pastores desta Igreja, doutores em Teologia, com expressão internacional, de origem germânica e, refletindo as perspectivas do seu tempo, entenderam que a Igreja corria riscos. As diferenças: um atuou na passagem do século XIX para o XX, o outro, do século XX para o XXI; um viu na etnia o caminho de redenção e a perspectiva de futuro, enquanto o outro a vê na abertura, na miscigenação, no diálogo com os diferentes; um entendia que a Igreja encontrava respostas ao voltar-se somente para si mesma, outro não vê outro caminho a não ser que ela estabeleça um diálogo com os demais; um inscreveu o Sínodo Rio Grandense no Conselho Mundial de Igrejas na metade do século passado, o outro presidiu a Federação Luterana Mundial no fim do século. O movimento de um para o outro é, no fundo, o movimento da Igreja, que aos poucos vai dando sinais da necessidade de reconhecer a alteridade dos outros, como condição para cumprir sua missão.

Sem o pano de fundo do ambiente nacionalista, da ansiedade pela construção de uma instituição eclesial, da elaboração de uma teologia que desse identidade ainda que pela associação de etnia e fé cristã, as comunidades e sínodos

¹ LIBÂNIO, J. B. *As lógicas da cidade*. São Paulo, Loyola, 2001, p. 138.

² THOMPSON, J. B. *Ideologia e cultura moderna*; teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, Vozes, 1995, p. 201.

avanzaram na construção de uma presença com expressão teológica, embora associada a um grupo étnico e aos estados da federação que receberam a imigração mais fortemente. Ao começar o século XXI e diante da necessidade de ocupar espaços urbanos, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil deve alterar seu projeto de existência. Algumas das questões a serem discutidas foram levantadas nesta dissertação.

Para guiar as principais linhas desta conclusão, vamos enunciar as quatro hipóteses corolárias (hc1), (hc2), (hc3) e (hc4) da quais partiu o pesquisador antes da conclusão de cada capítulo, e a Hipótese Central (HC), antes da conclusão final, situando os parâmetros seguidos.

A primeira hipótese corolária se enunciava: *A IECLB era composta de imigrantes, que enfrentaram uma vida com desafios, numa sociedade que mesclava hostilidade e liberalidade. Com o isolamento nas colônias e a precariedade do cumprimento dos compromissos assumidos pelos governos imperial e provincial, encantou-se com a chamada mercantilização da imigração, que surgiu quase meio século depois dos imigrantes terem chegado ao Brasil. Com o quadro composto pela imigração e a sedução da mercantilização, o grupo tendeu a agarrar-se à etnia para garantir sua sobrevivência. Esse processo fundiu luteranismo e germanismo, dificultou a contextualização e acabou por perenizar a presença luterana na educação e na religião. (hc1)*

Passada a segunda metade do século com avanços pequenos, quando comparados ao ritmos das grandes cidades, o modelo paroquial colonial trazido pelos imigrantes no século XIX se tornou inviável: público definido, sem renovação, mais propenso a perder do que a ganhar membros, de traços conservadores e pouco ágil para as respostas que a dinâmica das cidades exigiam. Não bastava mudar a arquitetura dos templos, era necessário mudar a auto-compreensão da Igreja. Mais que isso, era preciso voltar aos primórdios para rever a própria história e reencetar novo caminho. De grande, difícil e enfrentando a resistência das comunidades pré-urbanas, a tarefa foi muitas vezes iniciada e interrompida, fazendo a IECLB chegar ao século XXI debilitada do desgaste e com uma tarefa maior por cumprir.

As comunidades e sínodos que juntaram-se e formaram a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil têm em sua origem uma luta de homens, mulheres e crianças, basicamente trabalhadores luteranos que, premidos pela fome e pela falta de perspectivas, dirigiram-se a diversos países, entre os quais o Brasil. Experimentaram situações dramáticas, correram riscos e até mesmo enfrentaram perigos lutando pela vida de suas famílias.

A presença dos protestantes foi possível no Brasil por causa da monarquia galicana, liberal e anticlerical, da Igreja Católica, procurando se fortalecer internamente, e do Imperador, defensor do Estado acima de qualquer coisa. Na economia e na política a Grã-Bretanha impôs normas liberais, abrindo os portos às nações amigas, lutando contra a escravidão, conseguindo melhores tarifas alfandegárias para seus produtos e exigindo uma capela anglicana no Rio de Janeiro, a primeira comunidade não-católica em todo o território colonial espanhol-português. O espaço criado pela polarização entre a religião civil aberta do Estado e a intenção da Igreja Católica de reforçar-se institucionalmente, propiciou a entrada do protestantismo.

A propaganda do Império brasileiro fez sucesso na Europa por causa da miséria econômica e da superpopulação, especialmente nos territórios alemães, neste século em que 35 milhões de pessoas deixaram a Europa. Os que chegaram ao Brasil foram distribuídos entre os estados do Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Espírito Santo. Meio século depois foram assumidos por um empreendimento mercantilista, que favoreceu parcela dos imigrantes, mas sobretudo valeu-se do momento para um empreendimento expansionista europeu, embalado por nacionalismos exacerbados e afirmação cultural diante de povos que julgavam poder dominar. A questão étnica foi o argumento da imposição cultural, pela via da mercantilização, a ideologização dos imigrantes que só conquistaram a identidade nacional quase cinquenta anos após a chegada ao Brasil. O grupo agarrou-se à etnia, em nome da sobrevivência, e acatou a fusão de luteranismo e germanismo, num processo que fraudou a expectativa, dificultou a contextualização e limitou-se a perenizar aquele momento na educação e na religião.

A Igreja surgida da imigração precisará revisitar seu passado, compreender as circunstâncias em que viveu e reposicionar-se diante das perspectivas que tem para sua missão nesse país. Deve entender as demarcações dos limites étnicos e sociais das comunidades do germanismo e se perguntar se este critério ainda tem validade hoje. Como a nacionalidade não é mais a razão da crise da IECLB, deve se perguntar ainda sobre o que fazer para elaborar uma compreensão da graça de Deus, que dê sustentação a um projeto abrangente com uma eclesiologia inclusiva. Essa teologia deve estar organicamente ligada às comunidades para entender suas razões, elaborar a partir dos seus sonhos e fazer propostas a partir dos mitos nascidos dos seus embates com a realidade.

A segunda hipótese corolária é: *A eclesiologia da Reforma era avançada, acatava desde os primórdios a participação dos leigos e mostrava-se avessa à estrutura absolutizada. A mercantilização da imigração, trazida tardiamente como parte do expansionismo colonial, tornou cidadãos alemães os colonos que deixaram os territórios há quase meio século, dificultando a adaptação e criando húmus para a teologia etnicista no solo sofrido dos imigrantes. Esses grupos creram que poderiam passar sua vida nas colônias, mantendo o estilo de vida trazido e conservando quase intactas suas tradições culturais e religiosas, que poderiam correr riscos no contato com o mundo urbano. O modelo eclesiástico elaborado por pastores foi desafiado por setores das comunidades, bem como pelo processo de urbanização. O modelo colonial foi mantido, por causa da sustentabilidade limitada, mas não criava novas perspectivas. Isso dificultou que o grupo mantivesse a impermeabilidade cultural. A noção de identificação e as propostas do feminismo trazem alternativas.*

A eclesiologia do reformador nos traz clara e corajosa perspectiva teológica, especialmente na Idade Média tardia. Sua eclesiologia radical, refletindo uma liberdade efetivamente liberta e sem deixar espaço aos escolásticos, colocou parâmetros teológicos como a Igreja como criatura do Evangelho, a centralidade da salvação, a cidadania como resultado da rejeição à estrutura absolutizada, a participação dos leigos e a rejeição a modelos absolutos.

Apesar deste balizamento teológico, os imigrantes que vieram ao Brasil acataram o discurso da unificação, aceitando a mercantilização da imigração através do expansionismo colonial, o canal de influência cultural e política junto aos imigrantes e seus descendentes. A rejeição por parte de algumas comunidades, resultou em apoio financeiro norte-americano e no surgimento do Sínodo que veio a formar a Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB). A coincidência do acompanhamento institucionalizado da Igreja alemã e a unificação de 1871 resultou num programa patriótico que incluiu empreendimentos diversos, recursos para atividades culturais e educacionais, e a ilusão do resgate pela etnia.

Esse conjunto de influências, que logo desembocou na teologia etnicista, deixou marcas indeléveis em gerações de luteranos, comunidades e nos Sínodos que formaram a IECLB, transformando-se em adversidade ao processo imigratório, interferindo na missão e deixando conseqüências para sua presença na sociedade brasileira. Por esta razão, igrejas com o perfil de membresia da IECLB devem aprender que cidadania e nacionalidade não são direitos naturalmente adquiridos em função do lugar de nascimento, de tradições culturais ou de princípios jurídicos transcendentais, mas fatos políticos de disputa que envolvem os que se sentem privilegiados e os que sentem destituídos. Direitos são elaborados no esforço de resposta aos conflitos entre povos e grupos, e não concebidos para serem definitivos. Ao aprender dessas situações vividas em sua história, a Igreja terá maior facilidade para adaptar-se em centros urbanos.

A permanência da pergunta: *Impermeabilidade cultural – romper ou sustentar?* se deve à ilusão da superioridade étnico-cultural acalentada sobretudo em comunidades de ambientes pré-urbanos, gerando dificuldades para o estabelecimento de relações com os povos da terra e, conseqüentemente, da recusa à passagem do sonho colonial ao deserto da cidade real. A base do conflito entre a comunidade do campo e da cidade se estabelece por causa do sedentarismo do modelo pré-urbano, da comunidade arraigada na aldeia (Brakemeier) e não da comunidade em movimento. E com isso o modelo eclesial foi desafiado.

A contribuição da perspectiva feminista deve ser levada em conta pelos descendentes de alemães marcados pelo germanismo, a maior parte da membresia da IECLB. Identidades se constituem através das diferenças. Por isso a relação com

o outro, com o que não é, com o seu exterior constitutivo, sempre desafia à construção do seu significado positivo. A ausência do outro gera o sentimento de incompletude. Situação semelhante, apesar de inversa, acontece com brasileiros e brasileiras que se aproximam dessa Igreja e esbarram em seu estigma.

Um caminho é o trilhado pelas mulheres que descendem das que reproduziram a identidade cultural dos filhos e filhas, com seus mitos, simbologias e práticas sociais. A perspectiva feminista mostra como o mesmo potencial pode ser usado para desconstruir o modelo afetivo colonial, contribuindo para um processo de identificação e inserção, com novas possibilidades de encontro entre a Igreja luterana e a sociedade brasileira. Essa conclusão confirma a segunda hipótese (hc2) e acrescenta outros elementos.

A terceira hipótese corolária é que a IECLB tem o chamado à missão, a estrutura, o desafio dos centros urbanos e a motivação para passar da condição de Igreja dos alemães à de Igreja sem genitivos ou Igreja de Jesus Cristo no Brasil. Sua principal dificuldade é o conjunto de adaptações que deverá fazer para passar do atendimento ao grupo étnico para o atendimento aos demais públicos. Precisaré rever práticas consolidadas há quase dois séculos para assumir a missão de Deus. Não pode prescindir da catolicidade porque a Salvação em Jesus Cristo, da qual foi incumbida de anunciar, não se contenta com nada menos que a universalidade. (hc3)

A passagem do modelo conhecido como Igreja dos Alemães ao modelo de Igreja sem genitivos, ou Igreja-para-os-outros (Bonhoeffer) ou simplesmente Igreja, no amplo espectro que a catolicidade lhe atribui, supõe refletir sobre sua trajetória histórica e pede uma nova atitude frente ao público brasileiro. As circunstâncias vividas, a condição dos imigrantes, o germanismo e a teologia etnicista não podem justificar uma situação de acomodação. A salvação, que lhe dá identidade, é um imperativo diante de quaisquer realidades.

A Igreja não pode apropriar-se da mensagem de libertação espiritual surgida do movimento reformador como um elemento cultural, nem identificar Lutero com o germanismo e menos ainda valer-se de seu legado histórico para a afirmação de

um grupo humano. O testemunho do evangelho espera mais. Essa expressão da fé cristã só terá sentido se permanecer fiel ao mesmo Evangelho do qual o Reformador se descobriu intérprete. Essa responsabilidade aumenta diante do desafio da modernidade, não possibilitando o retorno essencial a uma visão intramuros, nem o privilégio de usar um testemunho evangélico para justificar o apoio a ideologias, nem a identificação com sistemas políticos, nem a deterioração da teologia para que sirva aos interesses de um grupo, mesmo que seja para afirmá-lo em situações de risco. Nessas circunstâncias a teologia de Karl Barth se apresenta como remédio amargo e curativo.

A reorientação teológica, na qual a Igreja deveria definir-se por uma teologia etnicista ou católica, contaram a influência de Barth, as conseqüências da Segunda Guerra Mundial para a crise de identidade e a atuação de estudantes de Teologia. Um resultado objetivo, que encaminhava para o atual modelo eclesial, foi a teologia obter sua casa de formação.

O questionamento sobre a permissão de Lutero para seu uso sem critérios, seja pelo germanismo, pelo nacional-socialismo ou ainda pelo comunismo aparece na reflexão sobre Lutero e a germanização do cristianismo. A inquietude do reformador diante de um sistema que não dava o que ele e seus contemporâneos precisavam, buscando a verdade evangélica de que o justo viverá por fé sem deixar-se manipular por um sistema, é uma expressiva ajuda. Para aceitar os desafios da catolicidade, a IECLB deve diminuir suas expectativas em relação à cultura germânica, situar a teologia etnicista em seu passado e inculturar sua fé na realidade brasileira, acolhendo o diferente e dispondo-se a servir ao mundo. Isso pode obrigá-la a rever práticas consolidadas há quase dois séculos, mas para assumir a missão de Deus não pode prescindir da catolicidade. A Salvação em Jesus Cristo não se contenta com nada menos que a universalidade, enfatiza a terceira hipótese. (hc3)

A última hipótese corolária é: *para dar testemunho da fé cristã, a IECLB deverá assumir os riscos do anúncio da Salvação, porque daí ela haure sua identidade e por ser esta sua impostergável tarefa. Do permanente voltar à fonte mesma da mensagem que anuncia ela tirará os recursos e as condições para*

inculturar a fé cristã luterana na realidade brasileira. Seus obreiros, obreiras, leigos e leigas deverão indagar sobre seu lugar, como evangelizadores. Deverão se acercar do lugar cultural das pessoas a serem evangelizadas. Esses desafios fazem da cidade, como ambiente multi-cultural e globalizado, o verdadeiro critério para a pastoral urbana na atualidade. Isso lhe exige novas perspectivas pastorais frente ao desafio da evangelização. (hc4)

O contato da IECLB com os centros urbanos a confronta com três exigências: anunciar a salvação, tarefa de que foi incumbida; ser presença testemunhal que responde a partir da fé às questões que surgem das lógicas urbanas; e assumir o compromisso de inculturar sua expressão da fé. Tarefas muito exigentes, elas têm como pré-requisito básico a revisita ao seu passado histórico, a inserção cultural na realidade brasileira e a disposição de *con-viver* e *inter-agir*.

Igreja de Jesus Cristo, não pode a IECLB perder de vista que a libertação que recebeu é dádiva, graça e não resultado de seus próprios esforços. Isso a compromissa com o Senhor que lhe confiou este talento e com a sociedade brasileira e sua multiculturalidade. Ao mesmo tempo, isso a estimula no desenvolvimento de sua identidade teológica e na clareza de seu contributo específico. “*Tal tentativa faz sentido somente sob a hipótese de à IECLB ser confiada um ‘talento’ que está proibida de enterrar* (Mt 25.14s). A metáfora do talento acusa a um só tempo modéstia e orgulho. Na parábola de Jesus, nenhum dos servos recebeu tudo. Deus distribui, em quantidades assimétricas, dons e deveres, julgando enfim pelo critério da proporcionalidade. Também a IECLB recebeu o seu quinhão, com o qual está comprometida a cooperar no plantio do reino de Deus”³.

Superando as situações nas quais se originaram a exigência de critérios outros, além dos que o Evangelho manda, tem ela todas as condições e até dons específicos que disponibilizar. Para tanto, sua membrea, leigos, leigas, obreiros e obreiras, e o espírito nela reinante, precisará experimentar verdadeira liberdade. Não apenas a política, que começou a conquistar ainda em pleno Império, mas a plena liberdade, a *liberdade libertada*; que lhe assegura de antemão o estado

³ BRAKEMEIER, G. *A viabilidade...*

salvífico estável, mesmo sob a dualidade do *iustus et peccator simul*; e que lhe possibilita o agir ético frente à interpelação recebida. Não se trata da condição individual de leigos, leigas, obreiros e obreiras, nem de decisões político-administrativas, mas de gesto que surge de conversão genuína.

Inculturar sua fé na realidade brasileira, implica em dizer que qualquer brasileiro poderá sentir-se em casa ao viver a expressão eclesial dessa fé. Implica em dizer ainda que qualquer luterano não precisará conflitar-se com sua brasilidade e nem terá dificuldade de achar uma resposta contextualizada à exigência do evangelho. Dado este passo, não haverá dificuldade de admitir que sua primeira preocupação deve ser o não-cristão. Tornar o outro, que se pode alcançar com os olhos a prioridade da ação evangelizadora. A segunda pergunta também é essencial: como devem viver os membros das comunidades cristãs para que os não-cristãos recebam o que Deus lhes envia através da comunidade eclesial? Ao acontecer esse passo, terá ela perdido o genitivo “dos alemães”, passando a adotar o genitivo personalizado para cada um que dela se aproximar.

Se não subestimar o problema, revela humildade ao reconhecê-lo e disposição verdadeira de superá-lo. Quando a interpelação vem da missão do próprio Deus tem mais força do que se viesse do conjunto de suas comunidades. Tão intenso é esse chamado “extra nos”, que não é ela interpelada a respeito de suas atividades pastorais ou estratégias de evangelização, mas da sua função precípua. Essa densidade de vida e entrega cria as condições para que as pessoas assumam a salvação como nova e profunda responsabilidade e sejam animadas a se aproximar e se juntar à caminhada.

A partir da liberdade libertada, pela qual Deus cada vez mais a tem, com identidade formada a partir da salvação, respeitará a todos que dela se aproximam e suas diferentes culturas. As diferenças físicas, culturais, étnicas, econômicas e sociais, que faz diferentes os que dela se aproximam, perdem em importância para a identidade que a salvação atribui a cada um em Jesus Cristo. A evangelização que visa a inculturação valoriza a particularidade da pessoa, integra sua cosmovisão, compreende sua estruturação social, interage com seus sistemas éticos e seus

códigos: introduz o evangelho que lhe foi confiado dentro da alteridade cultural do outro.

Ao voltar o olhar para tradição bíblica, a fim de criar tradição na atualidade, fiel à fé da Igreja, a IECLB vai defrontar-se com a cidade como critério. Deve *saber verter o vinho velho em odres novos*. Desde os relatos do Novo Testamento a cidade é um espaço de presença, condição que a torna um *criterium* pastoral. Da experiência do apóstolo Paulo nos relatos neo-testamentários, deve haurir o aprendizado para seu contato com as cidades de sua época, seus ambientes, seus clichês, suas ruas, sua violência e tudo o que ela tem. Numa palavra: suas lógicas. Estas são as chaves hermenêuticas que abrem as portas das teias de relações, possibilitam novos códigos de comunicação locais urbanos, fundamentais ao testemunho do evangelho, bem como o contato de seres humanos livres, como base para a pregação. Por isso, devem ser tomados em conta.

Da reavaliação do impacto do etno-luteranismo vai lançar-se à busca de novos critérios de identificação, pelos quais as comunidades independentes e baseadas em redes de relações locais do início do processo imigratório se guiaram por cerca de quarenta anos. A proposição de linhas de trabalho nascidas numa região do país não pode inviabilizar o que acontece localmente. Essas constatações devem servir na reavaliação da relação com seus obreiros e suas obreiras. Se o pêndulo do critério privilegiar *modus operandi* culturalmente situado pode sacrificar esforços pastorais e presença comunitária. *Ecclesia semper reformanda* é o parâmetro da mudança fiel à tradição. Isso confirma a quarta hipótese.

A Hipótese Central (HC) era: *A dificuldade que a IECLB tem de organizar sua presença nos centros urbanos brasileiros se deve em parte à teologia pastoral que herdou da estrutura sinodal do século XIX, que privilegiou a identidade teológica conjugada à etnia de sua membresia, em lugar da identidade teológica que resulta da resposta das comunidades locais às suas demandas. Sua auto-compreensão eclesiológica, a partir da fidelidade a Jesus Cristo e no esforço de inserção na realidade brasileira, deve privilegiar a mensagem da salvação universal.*

O avanço do crescimento urbano na segunda metade do século passado foi um estímulo a uma nova forma de atuação, mas a reação do conjunto da Igreja foi cautelosa, lenta e temerosa. Relutou a IECLB em rever e reavaliar sua teologia pastoral, surgida da estrutura sinodal do século XIX. Sem resolver a questão da identidade teológica associada à etnia da maioria absoluta de seus membros, não criou condições de ocupar espaço nos centros urbanos. Quando o fez, reproduziu o mesmo modelo que trazia em si o germe da comodidade eclesial. O novo nesta situação, é que o ritmo dos centros urbanos tornou o modelo obsoleto mais rapidamente que o ritmo dos espaços que este ocupara sem ameaças por um século e meio.

A reflexão sobre a presença da IECLB nos centros urbanos tem este pano de fundo. Ela desperta a atenção por ser este um espaço social que reflete com abrangência a cultura brasileira, um verdadeiro mosaico das regiões do país e suas variadas formas de expressão de valores humanos e sociais. Nas cidades, esta Igreja cuja membresia é majoritariamente de origem germânica, convive com manifestações da cultura brasileira e suas contradições. Sua trajetória iniciou com a chegada dos primeiros imigrantes alemães, que se juntaram em comunidades, foram germanizados e se organizaram em sínodos, que vieram a formar a IECLB. Esta precisa agora reencontrar a Igreja que surgiu ao fim dessa jornada de quase dois séculos, identificar sua presença com a mensagem da salvação de Jesus e assumir os novos desafios que o compromisso com a salvação lhe traz.